

Carta de Descartes a Chanut sobre o seu fracasso em Medicina (15 de junho de 1646)¹

Tradução e notas de Rafael Teruel Coelho
Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)
rafael_unespmarilia@hotmail.com
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-2573-1902>

Introdução

Um dos pontos muito pouco pacíficos entre os comentadores de Descartes é saber se o filósofo das ideias claras e distintas fracassou em seu projeto de estabelecer os cânones de uma teoria médica². Isso pelo fato de que, em janeiro de 1630, Descartes, cioso de ajudar o Padre Mersenne a curar a sua erisipela, escreveu ao sacerdote aconselhando-o que ele se cuidasse até que lhe fosse possível saber se existiria alguma maneira de instaurar uma medicina que estivesse embasada em demonstrações infalíveis - projeto científico ao qual o se filósofo dedicava naquela altura (AT I 105-6). Entretanto, a promessa feita a Mersenne parece nunca ter sido levada a cabo, sobretudo pelo fato de Descartes não nos ter legado nenhuma obra médica propriamente dita. Nesse sentido, jamais poderíamos falar em uma “medicina cartesiana” da mesma maneira que concebemos a sua física mecanicista ou a sua metafísica das ideias claras e distintas.

Ademais, pode-se dizer que isso se torna ainda mais problemático pelo fato de que, passados dezesseis anos da promessa feita a Mersenne, Descartes confidenciou a Pierre Chanut que ele estava muito mais satisfeito com suas concepções morais do que com as médicas, muito embora ele tivesse empregado muito mais tempo a formular estas do que aquelas (AT IV 441). Nesse sentido, ao valer-se de suas máximas morais, Descartes teria apenas encontrado um meio de não temer a morte, abandonando aparentemente a busca por aqueles que o faria conservar a vida - a medicina propriamente dita (AT IV 441). E é justamente ao evocar os trechos supracitados (tanto a carta a Mersenne de janeiro 1630 quanto a missiva a Chanut de junho de 1646, dentre outros textos) que

¹ Este trabalho conta com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2021/14838-2.

² A esse respeito, ver Gueroutl (1953), Rodis-Lewis (1984), Le Foyer (1937), Verbeek (1989), Donatelli (2000), Romano (2002), dentre outros.

Rodis-Lewis foi capaz de afirmar que Descartes fracassou em seus anseios médicos inaugurados pelos idos de 1630 (RODIS-LEWIS, 1984, p. 543).

Naturalmente, nesta breve introdução à carta de Descartes a Chanut de 15 de junho de 1646, texto no qual podemos ler claramente o pessimismo do filósofo acerca de suas concepções médicas, não pretendemos nos posicionar diante do referido debate. Isso pelo fato de que, certamente, uma tomada de posição de nossa parte pressuporia o exame de outros textos cartesianos espalhados pela vasta correspondência do filósofo, bem como daqueles em que ele tratou de temas especificamente médicos, como é o caso de *Excerpta Anatomica* e de *Remedia et vires medicamentorum*, para citar apenas alguns poucos exemplos. Entretanto, cremos que ao apresentar uma tradução para a língua portuguesa de um dos textos mais analisados pelos estudiosos das concepções médicas de Descartes, oferecemos à comunidade acadêmica lusófona a possibilidade de ler as próprias apreciações do filósofo sobre o seu empreendimento médico e científico, o que nos lhe possibilitará, confrontando-se diretamente com o texto do autor, avançar em suas investigações acerca de um domínio ainda muito pouco explorado no âmbito do cartesianismo que é o da existência (ou não) de uma medicina propriamente cartesiana.

[440]³

DESCARTES A CHANUT
Egmond, 15 de junho de 1646

Senhor,

Fiquei muito satisfeito em saber, pelas cartas que fizestes a honra de me escrever, que a Suécia não é tão distante daqui, de modo que podemos ter notícias de lá em poucas semanas, e assim, que poderei às vezes ter a felicidade de dialogar com vós por escrito e conhecer os frutos do estudo ao qual [441] vejo-vos preparado. Pois, desde que vos agrada dar-vos ao trabalho de rever meus Princípios e de os examinar, estou certo de que notareis nele muita obscuridade e muitos erros que me importam muito conhecer, dos quais não posso esperar ser tão bem advertido por nenhum outro a não ser por vós. Temo somente que em breve desgostareis dessa leitura, pelo fato de que

³ Paginação referente ao tomo IV das *Oeuvres Complètes de Descartes* organizadas por Charles Adam & Paul Tannery, compilação da qual nos servimos para a feitura desta tradução.

o que escrevi conduz apenas de muito longe à Moral, [algo] que escolhestes como vosso principal estudo.

Não que eu não seja inteiramente da vossa opinião quando julgais que o meio mais seguro para saber como devemos viver é conhecer previamente o que nós somos, o que é o Mundo no qual vivemos e quem é o Criador desse Mundo ou o Mestre da casa que habitamos. Contudo, além do fato de que eu não pretenda, tampouco prometa, de forma alguma, que tudo o que escrevi seja verdadeiro, existe um grande intervalo entre a noção geral do Céu e da Terra, que me empenhei em mostrar em meus Princípios, e o conhecimento particular da Natureza do Homem, do qual ainda não tratei. Todavia, a fim de que não pareça que eu queira vos desviar de vosso desígnio, vos direi, em confidência, que a noção tal qual a da Física, que empenhei-me em adquirir, serviu-me grandemente para estabelecer os fundamentos certos na Moral; e satisfiz-me mais facilmente nesse ponto do que em vários outros no tocante à Medicina, aos quais, contudo, empreguei muito mais tempo. De maneira [442] que ao invés de encontrar os meios de conservar a vida, encontrei um outro, muito mais fácil e mais seguro, que é o de não temer a morte; sem todavia por isso estar triste, como estão ordinariamente aqueles cuja sabedoria é inteiramente extraída dos ensinamentos de outros, e apoiada sobre fundamentos que dependem apenas da prudência e da autoridade dos homens.

Além disso, dir-vos-ei que, enquanto deixo crescer as plantas de meu jardim, do qual espero [angariar] algumas experiências para tentar continuar minha Física, detenho-me às vezes também a pensar nas questões particulares da Moral. Assim, esbocei [tracé] neste inverno um pequeno Tratado da Natureza das Paixões da Alma, sem ter contudo o desígnio de trazê-lo à luz, e eu estaria agora de [bom] humor para escrever ainda alguma outra coisa, se o desgosto que tenho ao ver quão poucas pessoas há no mundo que se dignam a ler meus escritos não me fizesse ser negligente. Eu não o serei jamais no que dirá respeito ao vosso serviço, pois sou de coração e de afeição, & etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DESCARTES, R. (1996). *Oeuvres de Descartes*. Publiées par Charles Adam et Paul Tannery, 12 vols., Paris: Vrin.

DONATELLI, M. F. (2000). *Da máquina corpórea ao corpo sensível: a medicina em Descartes*. São Paulo. 178 páginas. [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo.

- DREYFUS LE FOYER, H. (1937) Les conceptions médicales de Descartes. *Revue de Métaphysique et de Morale*. Paris.
- GUEROULT, M. (1953). *Descartes: selon l'ordre des raisons* (I et II). Paris: Aubier.
- ROMANO, C. (2002). Les trois médecines de Descartes. *Dix-septième siècle: la société d'étude du XVII siècle*, v. 4, n.º 217 (pp. 675-96). Paris: Presses Universitaires de France.
- RODIS-LEWIS, G. (1984). *Descartes: textes et débats*. Paris: Le Livre de Poche.
- VERBEEK, T. (1989). “Les Passions et la fièvre: l'idée de maladie chez Descartes et quelques cartésiens néerlandais”. *Tractrix*. Utrecht.